

A HISTÓRIA DO AZULEJO EM PORTUGAL

No site www.instituto-camoes.pt existe uma interessante história sobre o azulejo em Portugal que nos parece pertinente aproveitar neste trabalho sobre a arte da azulejaria, sobretudo no concelho de Mirandela. Em Portugal, os azulejos percorrem estilos e linguagens de todos os tempos e enchem de cor qualquer visita.

Azulejo: Originalidade do seu uso em Portugal



AZULEJO é a palavra portuguesa que designa uma placa cerâmica quadrada com uma das faces decoradas e vidradas. A sua utilização é comum a outros países como Espanha, Itália, Holanda, Turquia, Irão ou Marrocos, mas em Portugal assume especial importância no contexto universal da criação artística:

1. Pela longevidade do seu uso, sem interrupção durante cinco séculos.
2. Pelo modo de aplicação, como elemento que estrutura as arquitecturas, através de grandes revestimentos no interior dos edifícios e em fachadas exteriores.
3. Pelo modo como foi entendido ao longo dos séculos, não só como arte decorativa mas como suporte de renovação do gosto e de registo de imaginário.

Azulejo em Portugal: suporte de tolerância entre o exotismo e a sensualidade



O AZULEJO é um elemento identificativo da Cultura portuguesa, revelando algumas das suas matrizes profundas:

1. A capacidade de diálogo com outros Povos, evidente pelo gosto por Exotismos em que aos temas de uma cultura europeia se misturam, por exemplo, os das culturas árabes e indianas.
2. Um expedito sentido prático, revelado no uso de um material convencionalmente pobre, o azulejo, como meio de qualificação estética dos espaços interiores dos edifícios e dos espaços urbanos.
3. Uma específica sensibilidade que em Portugal se orienta mais para valores de Sensualidade do que de Conceito, manifesta logo pela preferência de um material colorido, reflector de luz, pela expressão imediata da pintura, e a escolha das próprias imagens mais centrada na descrição do real.

Tradição islâmica



As primeiras utilizações conhecidas do azulejo em Portugal como revestimento monumental das paredes foram realizadas com azulejos hispano-mouriscos, importados de Sevilha cerca de 1503.

A presença árabe na Península Ibérica fez-se sentir pela permanência de uma prática da Cerâmica, sendo Sevilha o grande centro produtor de azulejos ainda nas técnicas arcaicas de corda-seca e aresta, até meados do século XVI.

A evolução dos motivos passou das laçarias e encadeados geométricos mouriscos para temas vegetais e animalistas europeus, entre o gótico e o puro gosto Renascença.

Contudo permanece em Portugal, mais do que os motivos em si, um gosto mourisco pelo excesso em revestimentos decorativos totais dos espaços, espécie de horror ao vazio.

A influência da Itália e da Flandres



O desenvolvimento da Cerâmica em Itália com a possibilidade de se pintar directamente sobre o azulejo, em técnica de majólica, permitiu alargar a realização de composições com diversas figurações, historiadas e decorativas.

Ceramistas italianos fixaram-se na região da Flandres e divulgaram os motivos decorativos maneiristas e os temas da Antiguidade Clássica.

Para Portugal fizeram-se encomendas na Flandres e a fixação de ceramistas flamengos em Lisboa propiciou o início de uma produção portuguesa a partir da segunda metade do século XVI.

Modelos de circulação internacional, oriundos de uma estética maneirista da Flandres, são utilizados agora por pintores de azulejo que realizam composições monumentais, feitas com saber erudito de Mestres em desenho e pintura, como Francisco e Marçal de Matos.

Século XVII Azulejos de repetição



Fixado em Portugal o gosto por revestimentos cerâmicos monumentais em igrejas e palácios, era dispendiosa a encomenda de grandes composições únicas, adequadas a cada espaço, optando-se, de modo mais frequente, por azulejos de repetição. Entre finais do século XVI e inícios do XVII realizaram-se composições de enxaquetados, azulejos de cor lisa que, na sua alternância, iam criando malhas decorativas nas paredes. Apesar de serem baratos os azulejos, a sua aplicação era complexa e lenta, factor que tornava o processo dispendioso, levando ao seu gradual abandono.

Azulejos de padrão, produzidos em grande quantidade e de fácil aplicação, vieram então a ser utilizados primeiro em módulos de repetição com 232 azulejos, depois em módulos maiores que atingiram 12312 azulejos, geradores de fortes ritmos em diagonal.

Em qualquer destas utilizações de azulejos enxaquetados e de padrão, era essencial o uso de cercaduras e barras para uma eficaz integração nos contornos das arquitecturas.

Séculos XVII · XVIII As obras encomendadas na Holanda



A partir do último quartel do século XVII e durante quase cinquenta anos, importaram-se dos Países Baixos conjuntos monumentais de azulejos.

Concebidos por pintores qualificados como Willem van der Kloet e Jan van Oort, a superioridade técnica dos azulejos holandeses bem como a sua pintura a azul, citando a porcelana da China, foram do agrado do público português. Para este sucesso contribuiu o esforço de aproximação ao nosso gosto, na realização de conjuntos monumentais.

Estas importações obrigaram à reacção das oficinas nacionais, que chamam a si pintores com formação na pintura académica, respondendo assim a uma clientela agora mais exigente, e perante os novos azulejos portugueses assistiu-se ao abandono natural das importações, datando a última grande encomenda de 1715.

Para além dos grandes painéis figurativos, chegaram-nos também dos Países Baixos azulejos comuns, chamados de "figura avulsa", cada um representando uma cena autónoma, produção intimista própria ao gosto holandês, mas aplicados em Portugal de acordo com a nossa tradição, com molduras pintadas no azulejo.

Século XVIII O Ciclo dos Mestres



No início de setecentos, o pintor de azulejo volta a assumir o estatuto de artista assinando, com frequência, os seus painéis.

O precursor desta situação foi o espanhol Gabriel del Barco, activo em Portugal em finais do século XVII, introduzindo um gosto por envolvimento decorativo mais exuberante, e uma pintura liberta do contorno rigoroso do desenho.

Estas inovações abriram caminho a outros artistas, dando início a um período áureo da azulejaria portuguesa – o Ciclo dos Mestres – reacção às importações holandesas, tendo os pintores aplicado às suas obras uma original espontaneidade na utilização mais livre e pictórica das gravuras, e na criatividade das composições de azulejos ajustadas aos espaços arquitectónicos.

António Pereira, Manuel dos Santos e o monogramista PMP, são os pintores mais importantes, devendo-se, no entanto, destacar António de Oliveira Bernardes e o seu filho Policarpo de Oliveira Bernardes.

Exímio na composição, António foi o Mestre por excelência na modelação das figuras e tratamento dos espaços envolventes, e com a sua grande capacidade técnica e artística, o principal responsável pelas mais sofisticadas criações da azulejaria figurativa portuguesa deste período.

Século XVIII A Grande Produção Joanina



No segundo quartel do século XVIII assistiu-se a um aumento sem precedentes do fabrico de azulejos, o que se ficou, também, a dever a grandes encomendas chegadas do Brasil.

É o período da Grande Produção, em parte coincidente com o reinado de D. João V (1706-1750), a que correspondeu o uso dos maiores ciclos de painéis historiados jamais executados em Portugal.

O aumento da produção conduziu à repetição das figurações, ao recurso a motivos seriados como albarradas e à simplificação da pintura das cenas, ganhando as molduras grande importância cenográfica.

Num prolongamento do Ciclo dos Mestres, evidenciam-se, ainda, pela qualidade da obra, alguns pintores como Nicolau de Freitas, Teotónio dos Santos ou Valentim de Almeida.

A par dos temas religiosos encomendados pela Igreja, utilizam-se agora para os palácios mais cenas bucólicas, mitológicas, de caça e guerreiras, ou relacionadas com um dia a dia cortesão, bem patente nas chamadas figuras de convite colocadas nas entradas.

Século XVIII O Rocóco



Em meados do século dão-se mudanças no gosto da sociedade portuguesa com a adopção de uma gramática decorativa influenciada pelo estilo Regência francês, mas sobretudo pelo Rocóco, através de gravuras provenientes da Europa central.

A preferência por formas orgânicas cujo exemplo típico é o concheado irregular, verifica-se em composições delicadas onde os efeitos decorativos são alcançados pelo emprego de dois tons contrastantes de azul, e depois pelo uso de várias cores.

Os painéis figurativos da época mostram, maioritariamente, cenas galantes e bucólicas, vindas de gravuras de Watteau.

O Terramoto que destruiu Lisboa em 1755 obrigou à reconstrução da cidade sendo para esse efeito recuperada a padronagem como meio capaz de animar uma Arquitectura que, pela urgência da reedificação, se tornara muito depurada e funcional. Este tipo de azulejo ficou conhecido como pombalino, designação proveniente do nome do ministro do rei D. José I (r. 1750-1777), responsável pela reconstrução de Lisboa, o Marquês de Pombal.

A par dos temas religiosos nas igrejas, tiveram grande divulgação pequenos painéis de devoção ou registos, colocados nas fachadas dos edifícios como protecção contra as grandes catástrofes.

Séculos XVIII · XIX O Neoclássico



No final do século XVIII e com origem, em grande parte, na Real Fábrica de Louça do Rato, de Lisboa, a azulejaria assimila o neoclassicismo, estilo internacional divulgado através das gravuras de Robert e James Adam, e associado no azulejo português com paisagens executadas por Jean Pillement. Os painéis cerâmicos são agora silhares baixos e articulam-se com a pintura a fresco, de que citam os fundos brancos, desadornados, dotando-se de uma leveza e de uma profusa variedade de temas e composições que tornam esta produção uma das mais surpreendentes.

Os painéis são preenchidos com ornatos leves, de requintada policromia e sem expressão de volume, marcando-se os centros com medalhões monocromáticos de execução caligráfica, correspondendo ao gosto da nova burguesia que surge também como importante encomendante de azulejos. Estes narram histórias de ascensões sociais, representam figuras elegantes da época, enquanto a Igreja não abandona os tradicionais ciclos religiosos e a nobreza os temas anteriormente preferidos.

Século XIX As fachadas de azulejo



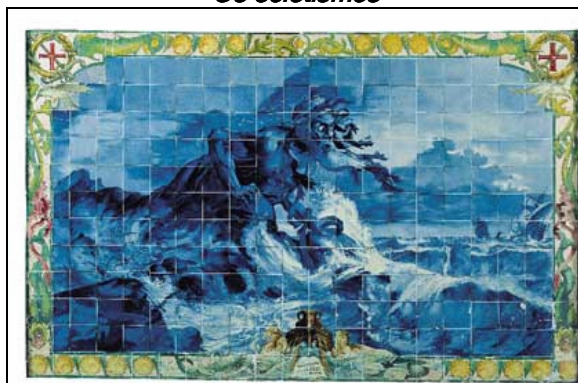
Com a afirmação definitiva de uma burguesia ligada ao comércio e à indústria, (re)nascida do caos económico em que Portugal ficou mergulhado após as invasões francesas (1807-1811) e a guerra civil entre absolutistas e liberais (1832-1834), existe um novo uso do azulejo.

Na segunda metade do século XIX o azulejo de padrão, de menor custo, cobre milhares de fachadas, produzido por fábricas de Lisboa – Viúva Lamego, Sacavém, Constância, Roseira – do Porto e Gaia – Massarelos, Devezas.

Utilizando técnicas semi-industriais ou industriais, permitindo uma maior rapidez e rigor de produção, as fachadas com azulejo de padrão e cercaduras delimitando as portas e janelas, são elementos fundamentais, através da cor e variações de luz, da identidade urbana em Portugal.

Concentrando-se principalmente as unidades fabris no Porto e Lisboa, definiram-se duas sensibilidades. No norte é característico o recurso a relevos pronunciados, num gosto pelo volume e pelo contraste de luz e sombra; no sul mantêm-se as padronagens lisas de memória antiga, transpondo-as dos espaços interiores, para uma quase ostensiva aplicação exterior nas fachadas.

Séculos XIX · XX Os ecléticos



A arquitectura assume através das fachadas austeras a função de suporte de figurações diversas. O preenchimento das paredes de simples prédios de aluguer, associado à produção fabril de motivos repetitivos, não impediu a realização de composições "de autor", destacando-se Luís Ferreira (1807-?), conhecido como Ferreira das Tabuletas, com os seus exuberantes painéis com vasos de flores, árvores e figuras alegóricas, tratadas em "trompe l'oeil", obras verdadeiramente originais, directamente pintadas pelo autor, reflexo da cultura eclética do Romantismo que marcou a sociedade portuguesa na segunda metade do século XIX. Prolongando este gosto deve lembrar-se Jorge Colaço (1868-1942), pintor com trabalho na pintura a óleo, que ficou notável como autor de grandes composições de azulejo, na Fábrica de Sacavém e depois na Fábrica Lusitânia, ambas em Lisboa. A sua obra cerâmica fez permanecer, já em pleno século XX, um gosto assumidamente historicista, de concepção tardoromântica que visava enaltecer figuras e episódios relevantes da identidade pátria.

Século XX De Rafael Bordalo Pinheiro a Jorge Barradas



Os Revivalismos ecléticos e as fachadas de azulejo, prolongar-se-ão nas três primeiras décadas do século XX.

Rafael Bordalo Pinheiro (1847-1905) tentará uma experiência de produção de Cerâmica Artística na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha onde serão produzidos azulejos Arte Nova.

Em 1937, no Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris, é apresentado o painel "Lisbonne aux Mille Couleurs" do pintor Paolo Ferreira (1911-1999), integrado numa arquitectura moderna e numa linguagem francamente modernista.

Caberá contudo a Jorge Barradas (1894-1971) a grande revitalização da Cerâmica Artística em Portugal, moderna na realização e aplicação arquitectónica.

A sua actividade, muito centrada numa estilização figurativa e numa sofisticada procura de efeitos cerâmicos, iniciou-se em 1945 e, trabalhando na Fábrica Viúva Lamego, tornou-se um Mestre da Cerâmica para jovens artistas que se revelariam no pós-guerra.

Século XX

A renovação dos anos 50: os designers de azulejo



A década de 1950 correspondeu a inequívoca adesão a parâmetros funcionalistas internacionais na arquitectura, e para muitos dos edifícios e espaços urbanos construídos então foi solicitado pela nova geração de arquitectos a participação de jovens artistas plásticos como Júlio Resende (n. 1917), Júlio Pomar (n. 1926), Sá Nogueira (n. 1921), para a criação de painéis de azulejos. O desenvolvimento urbano levava igualmente à introdução de novos equipamentos como o Metropolitano de Lisboa cujas estações, praticamente até 1972, foram cobertas com composições de azulejo segundo projectos desenhados por Maria Keil (n. 1914), numa linguagem fundamentalmente abstracta, renovando moderna e definitivamente a tradição portuguesa do gosto por revestimentos cerâmicos envolventes e totais.

Século XX

A renovação dos anos 50: os ceramistas



Na senda de recuperação do fazer cerâmico levado a cabo por Jorge Barradas (1894-1971), jovens artistas interessaram-se pela pintura do azulejo, como Manuel Cargaleiro (n. 1927), e pela exploração da plasticidade do barro e do acaso dos materiais como se percebe nos revestimentos em placas que Querubim Lapa (n. 1925) realizou nos anos finais de 1950 e nas décadas seguintes, aplicação de um pensamento visual moderno à cerâmica agora de revestimento, desenvolvida também por Cecília de Sousa (n. 1937) e Manuela Madureira (n. 1930), entre outros.

No Porto o pintor Júlio Resende (n. 1917) constrói desde 1958, também em articulação com modernos projectos de arquitectura, uma importante actividade de ceramista, composições figurativas em azulejo e placas cerâmicas culminando no seu imenso painel Ribeira Negra, de 1985

Século XX ***Outros projectos para Azulejo***



Prosseguindo a lógica funcionalista de qualificação estética dos espaços urbanos quotidianos, em que Maria Keil (n. 1914) inscreveu desde finais dos anos 50 uma referência moderna, surgem novas propostas de jovens artistas como Eduardo Nery (n. 1938) que reutiliza o azulejo enquanto veículo criador de ambientes, actualizados em exploração de mecanismos ópticos puros, e mais tarde, dos sentidos das imagens tradicionais do azulejo do século XVIII.

João Abel Manta (n. 1928), questionando a possibilidade monumental do revestimento de azulejo, e lembrado dos imensos painéis figurativos desmembrados e reaplicados nas paredes, cria uma breve mas importante obra em azulejo.

Século XX ***As grandes campanhas do Metropolitano de Lisboa***



O Metropolitano de Lisboa é responsável pela aplicação monumental de azulejos, iniciada nos anos 50, e pelas mais extensas campanhas actuais da sua reutilização em espaços públicos, encomendando, em 1987, a artistas com Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992), Júlio Pomar (n. 1926), Manuel Cargaleiro (n. 1927), Sá Nogueira (n. 1921) e Eduardo Nery (n. 1938) revestimentos para novas estações.

Com a abertura de novos ramais, inaugurados até 1998, artistas mais velhos como Júlio Resende (n. 1917), Querubim Lapa (n. 1925), Menez (1926-1995), Cecília de Sousa (n. 1937), Martins Correia (1910-1999), Joaquim Rodrigo (1912-1997), foram convidados a realizar novos revestimentos, a par de outros autores mais novos como Jorge Martins (n. 1940), Costa Pinheiro (n. 1932), Graça Pereira Coutinho (n. 1944), internacionalizando-se o uso do azulejo com a participação de Zao-Wo-Ki (1921-1998), Sean Scully (n. 1945), Hundertwasser (n. 1928).

Século XX *Outras grandes obras públicas*



A recuperação da parte oriental da cidade de Lisboa, a propósito da última grande Exposição Mundial do século XX, a EXPO 98, permitiu verificar a actual pertinência do uso do azulejo e da persistência portuguesa do gosto por monumentais revestimentos cerâmicos.

A utilização imediata de azulejos industriais por Pedro Cabrita Reis (n. 1956) e Pedro Casqueiro (n. 1959), as presenças sensuais de matéria cerâmica em figurações de Ilda David (n. 1955) ou de Fernanda Fragateiro (n. 1962), encontram eco na presença internacional de Ivan Chermáeff, nas composições do Oceanário onde recuperou a tradição do azulejo manufacturado de padrão para a figuração de grandes animais marinhos tratada informaticamente.